

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Mariana Bockoski de Paula

MEMORIAL DE UMA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA:

Etapas da vida

Taubaté – SP

2023

Mariana Bockoski de Paula

**MEMORIAL DE UMA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA:
Etapas da vida**

Trabalho de Curso apresentado para obtenção do Certificado de Graduação pelo Curso de Pedagogia do Departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté.

Área: Educação

Orientador: Profa. Ma. Viviane Galvão Botelho
Neves

Taubaté - SP

2023

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

P331m Paula, Mariana Bockoski de
Memorial de uma estudante de pedagogia : etapas da vida /
Mariana Bockoski de Paula. -- 2023.
63 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Pedagogia, 2023.
Orientação: Profa. Ma. Viviane Galvão Botelho Neve, Instituto
Básico de Humanidades.

1. Memorial de formação . 2. Pedagogia. 3. Formação
acadêmica. 4. Autoconhecimento. 5. Relato reflexivo.
I. Universidade de Taubaté. Departamento de Pedagogia. Curso de
Pedagogia. II. Título.

CDD – 370

MARIANA BOCKOSKI DE PAULA

MEMORIAL DE UMA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA: Etapas da vida

Trabalho de Curso apresentado para obtenção do Certificado Graduação pelo Curso de Pedagogia do Departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté.

Área: Educação

Orientador: Profa. Ma. Viviane Galvão Botelho Neves

Data: _____ / _____ / _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Viviane Galvão Botelho Neves

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. Dr. Cesar Augusto Eugenio

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. Me. Carlos Eduardo Reis Rezende

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de graduação a todas as pessoas que estão entrando para vida universitária nesse momento. Cada um tem o seu tempo, e por mais que desafios possam aparecer em nosso caminho e pareça impossível continuar, no final todo o esforço colocado durante todo nosso trajeto vale a pena!

AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo à minha família por todo apoio que sempre me deram, em especial ao meu pai por me dar a oportunidade de frequentar uma universidade. Sei que demorei mais tempo que deveria no decorrer desse processo até a conclusão do curso e agradeço pela paciência que minha família teve comigo. Agradeço também a todos os meus amigos que estiveram sempre ao meu lado, Julia e Luiza sempre ouvindo meus desabafos e minhas conquistas e em especial durante a reta final, meus queridos Lucas e Gaby, que inclusive cursaram Pedagogia comigo, sempre conversando e me dando suporte.

Agradeço também ao meu namorado Pedro, que sempre esteve ao meu lado, durante minhas crises, desabafos, reclamações e alegrias durante todo o processo para realização deste trabalho.

Agradeço a Professora Mirtes, na sala da qual estagiei e tive o prazer de aprender muito e enriquecer minha formação docente, valorizando ainda mais a profissão.

Gratidão aos professores do Departamento de Pedagogia que contribuíram para minha formação, em especial, Professor César Augusto e Professora Roseli Albino, que além de professores foram amigos e me ajudaram a concluir o curso, nos momentos de dificuldade pensei muitas vezes em desistir e conversando com eles, sempre me fizeram pensar melhor e continuar persistente. Gostaria de agradecer também a Professora Cleusa Vieira que além de professora, foi como uma mãe, creio que não só para mim, mas para muitos outros de nossa sala.

E não poderia deixar de agradecer à minha orientadora, Viviane Galvão, sem ela tudo isso não seria possível! Eterna gratidão a todos que sempre me apoiaram e acreditaram em mim. Muito obrigado a Deus por me proporcionar tudo isso.

“A única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível.”

Alice no País das Maravilhas

RESUMO

Este trabalho de graduação é dividido em três partes: Infância, família, valores e experiências escolares; Novas experiências e descobertas e Um novo ciclo, com novas aventuras e novas descobertas. É um relato reflexivo, no qual busquei compartilhar os momentos mais marcantes que vivenciei ao longo da minha vida. Desde a primeira infância, retomando meu desenvolvimento durante esse período, incluindo as experiências escolares; o nascimento de meus irmãos, na minha visão de irmã; a religião em minha vida; as dificuldades na adolescência e a escolha de um curso universitário, junto aos desafios pandêmicos. Neste memorial de formação procurei refletir sobre a minha trajetória de maneira acadêmica e pessoal (visando um equilíbrio entre ambas), lembrando experiências, aprendizados e transformações que contribuíram para a formação da minha identidade. Nele é possível encontrar reflexões sobre os desafios que por mim foram enfrentados, as conquistas alcançadas e todas as pessoas que influenciaram positivamente e, inclusive, negativamente para o meu crescimento e desenvolvimento humano. A formação é um processo constante, uma jornada repleta de novas descobertas, superações e autoconhecimento. Em suma, busco salientar a importância de cada ciclo percorrido, desde os primeiros passos até as realizações mais recentes, e destacar como essas experiências influenciaram no meu modo de pensar e na minha visão de mundo. Ademais, por meio deste, destaco a importância das pessoas que fizeram parte da minha vida, pessoal e acadêmica, sejam elas professores, familiares ou amigos. Anseio que este memorial de formação seja um relato que encoraje e inspire as pessoas, fazendo com que levantem reflexões e memórias a respeito de sua própria trajetória, assim como me ajudou a refletir sobre acontecimentos durante minha vida e sua repercussão em quem sou. Que ele possa motivá-las a valorizar suas experiências vividas.

Palavras-chave: Memorial de formação. Pedagogia. Formação Acadêmica. Autoconhecimento. Relato Reflexivo.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2- Infância, família, valores e experiências escolares	11
2.1- Chegada precoce ao mundo	11
2.2- Um novo membro na família	15
2.3- Uma família completa	19
2.4- Pequena grande família	25
2.5- A única menina da sala	27
2.6- Religião e espiritualidade	29
3- Novas experiências e descobertas	33
3.1- Crescendo e amadurecendo	33
3.2- Novas experiências enfrentando a timidez	36
3.3- Fragmentos de uma etapa	38
4- Um novo ciclo, com novos desafios e novas conquistas	41
4.1- O início de um ciclo agitado	41
4.2- Terceiro ano em escola pública, nova perspectiva	44
4.3- Meu tratamento psiquiátrico, obstáculos e conquistas pelo caminho	46
4.4- Presente de Deus	47
4.5- Meu primeiro relacionamento	49
4.6- Uma decisão importante	53
4.7- O ano da pandemia e os desafios durante a graduação	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	61

Lista de Figuras

Figura 1 - Primeiro contato depois do parto	12
Figura 2 - Primeiro banho em casa no 1º mês de vida	13
Figura 3 - Meu Batismo	14
Figura 4 - Introdução alimentar.....	15
Figura 5 - Cuidando do Marco	16
Figura 6 - Comendo com o Marco	16
Figura 7 - Ajudando na rotina de casa.....	16
Figura 8 - Meu aniversário de 2 anos.....	17
Figura 9 - Foto na sala de aula	18
Figura 10 - Foto na quadra da escola	18
Figura 11 - Foto com a Aninha	20
Figura 12 - Cuidando da Aninha.....	20
Figura 13 - Brincando na varanda.....	21
Figura 14 - Diversão no quintal.	21
Figura 15 - Dia de verão	21
Figura 16 - Vestidos para escola.....	21
Figura 17 - Passeio na praia	23
Figura 18 - Vestida para o ballet.....	24
Figura 19 - Amor de quatro patas	24
Figura 20 - Tio Ju brincando a gente no clube.....	26
Figura 21 - Victor, Bia e eu	28
Figura 22 - Filhos dos casais das ENS	30
Figura 23 – Minha Primeira Comunhão	31
Figura 24 - Passeio com a escola	35
Figura 25 - Viagem de formatura.....	39

Figura 26 - Meu baile de formatura	39
Figura 27 - Eu e a Lu	41
Figura 28 - Eu e a Ju no baile dela	41
Figura 29 - Eu, Lucas e Thaísa na aula de informática	45
Figura 30 - Chá de bebê da Maju.....	48
Figura 31 - Primeira visita ao hospital.....	48
Figura 32 - Primeira visita em casa.....	48
Figura 33 - Trote da faculdade.....	55
Figura 34 -Trabalho da faculdade	56

1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Mariana Bockoski de Paula, tenho 22 anos e vou relatar sobre parte essencial da trajetória da minha vida, relacionando-a à minha formação integral.

Tive uma infância muito feliz, meu pai trabalhava em uma empresa privada e minha mãe trabalhava em casa, assim sempre me manteve perto dela brincando ou fazendo outras atividades. Tive dois irmãos e como sou a primeira filha, sempre ajudei minha mãe na rotina com eles e, quando cresceram mais, nós nos tornamos mais unidos, brincávamos de tudo juntos.

Minha família sempre foi muito unida, desde passeios à praia, ao shopping e sobretudo, em momentos juntos dentro de casa. Minha mãe sempre nos incentivou à leitura, nos contava histórias e sempre tivemos muitos brinquedos educativos, além de termos privilégio de ter um parque em frente à nossa casa, onde sempre íamos brincar.

Durante o período acadêmico, na educação básica, sempre estudei em escola particular. Tenho memórias incríveis da pré-escola, com os amigos no parque, de atividades em sala e exposições na escola, onde exibiam os trabalhos artísticos que fazíamos em aula. Havia aulas de natação, de *ballet* e as datas comemorativas eram muito criativas com eventos grandiosos, com coreografias e figurinos, sempre com a presença de pais e familiares e meus pais sempre foram muito presentes na minha vida escolar, participavam sempre de reuniões e festas.

Cursei meu ensino fundamental também em escola particular confessional, na qual vivenciei experiências muito significativas para minha formação, pois era uma instituição que valorizava boas maneiras e empatia para com o próximo. Deste período me recordo de ser muito bem recebida quando cheguei à escola e lembro da coordenadora sempre entrar em sala avisando quando chegaria um aluno novo, para que nós o recebêssemos bem.

No período do ensino médio, dei início aos estudos em uma instituição particular e finalizei em uma instituição pública devido a problemas pessoais e pude sentir a diferença entre os dois sistemas de ensino, cada um com seus prós e contras.

Eu gostei muito de ter a experiência de estudar em uma escola pública, conseguia sentir a escassez de recursos para os professores, mas isso não impedia os professores que tinham amor por ensinar de mediarem o conhecimento de fato.

Concluir meus estudos na educação básica e escolher meu curso de graduação foi uma longa trajetória cheia de aprendizados e espero que eu tenha conseguido transmitir isso através do meu memorial.

2 Infância, família, valores e experiências escolares

2.1 Chegada precoce ao mundo

Eu, Mariana Bockoski de Paula, sou filha primogênita de Debora Bockoski de Paula e Francisco Oliveira de Paula. No dia em que eu nasci minha mãe estava fazendo panquecas para o almoço, quando sentiu uma dor, mas ela não achou que eu fosse nascer àquela hora, então continuou fazendo o almoço. A minha avó já havia contado a ela que as dores eram parecidas com as contrações de parto, ela terminou o almoço e continuou sentindo dor, nessa situação, foi acordar meu pai porque ela achava que eu iria nascer, tomou um banho e ligou para o médico, que a instruiu ir para o consultório. A mala dela com os itens para a maternidade já estava arrumada, as minhas roupinhas estavam todas lavadas, só faltava passar e guardar, então ela pediu para minha avó arrumar a malinha com as roupinhas que ela já havia escolhido. No final de semana que antecedeu meu nascimento minha mãe havia comprado meu berço e a banheira, mas sem nada planejado, pois ainda faltava um mês para meu nascimento.

A gestação estava de oito meses e não esperavam que eu chegasse ao mundo tão cedo, todavia, quando ela chegou ao consultório, o médico constatou que já estava em início de trabalho de parto, encaminhou-a ao hospital São Lucas, em Taubaté, no dia vinte seis de junho do ano de dois mil, onde chegou andando até a recepção e foi conduzida à sala de pré-parto, quando a enfermeira que a atendeu, após verificar que estava em estágio avançado de trabalho de parto, informou-a que precisava se dirigir ao centro cirúrgico o quanto antes, pois do contrário, eu iria nascer lá mesmo.

A minha mãe estava calma e o parto foi rápido e tranquilo, eles chegaram no hospital às 15h00 e eu nasci às 16h56. Ela conta que eu nasci com icterícia (decorrente de uma patologia neonatal, que, dentre os sintomas a pele e as mucosas se tornam amareladas), mas não precisei ficar internada. Minha mãe foi para o quarto e começou a receber as visitas, nessa hora ela começou a sentir que estava tendo

uma hemorragia e, por ser a primeira gravidez dela, pensou ser normal a perda de sangue.

Meu pai foi levar minhas avós para suas casas e minha mãe começou a passar mal, ela sentia enjoo e muito frio também, então decidi chamar a enfermeira e relatou a ela os sintomas. Quando a sua pressão foi aferida, verificou-se que estava muito baixa; a enfermeira, embora visivelmente preocupada, buscou tranquilizá-la, então ela comunicou ao médico e disse à minha mãe que precisaria voltar ao centro cirúrgico. Quando meu pai retornou ao hospital, foi surpreendido por não encontrá-la no quarto.

No caminho para o centro cirúrgico tinha uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e ela rezou pedindo para que não morresse e pudesse cuidar de mim. Chegando lá notou que o médico parecia apreensivo, entretanto a anestesiou e a examinou, fez a hemorragia parar, mas minha mãe permaneceu por mais um dia em observação. Decorrente da hemorragia ela ficou anêmica, precisou passar por tratamento e adequar sua alimentação.

Figura 1 - Primeiro contato depois do parto

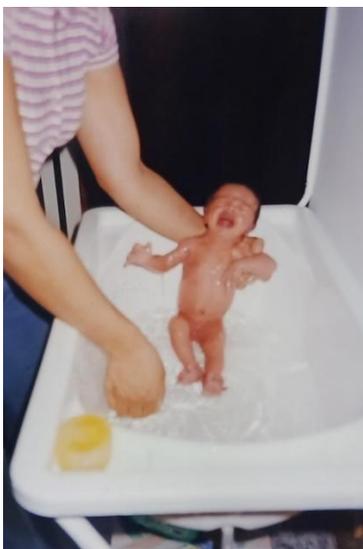


Fonte: acervo pessoal da autora

Ao chegar em casa, minha mãe ficou triste, mesmo sem explicação, sentia-se assim. Inclusive ela nunca havia mencionado esses acontecimentos, por não querer me chatear. No início da maternidade, ela ficou amedrontada porque eu era pequena demais, cabia na palma da mão dela, nasci com 2.280 kg., eles tinham medo de me dar banho, e minhas avós não ajudavam porque falavam que não tinham mais

prática e estavam receosas por eu ser muito pequena. Assim, meu pai sugeriu que eles dessem os banhos em mim juntos, e foi assim até o décimo quinto banho, até que um dia ele disse para a minha mãe dar banho sozinha em mim e foi lavar o carro, falou que ela era capaz e não precisava mais da ajuda dele nesse momento, depois disso ela continuou me banhando sozinha, sem medo, quando ele não podia estar presente.

Figura 2 – Primeiro banho em casa no 1º mês de vida



Fonte: acervo pessoal da autora

O próximo passo era me batizar, pois meus pais eram católicos. Desse modo, dois meses depois de meu nascimento eu fui batizada na Igreja Sagrada Família, na cidade de Taubaté, interior de São Paulo. Seis meses após o meu nascimento, nessa mesma igreja, eu representei o menino Jesus em uma cerimônia de Natal e meus pais representaram Maria e José.

Figura 3 – Meu Batismo

Fonte: acervo pessoal da autora

Com dez meses disse minha primeira palavra, foi “papai”, e a partir desse momento fui só evoluindo, não tinha dificuldades para me comunicar, minha mãe sempre me entendeu e conseguiu se comunicar comigo, eu pedia água, pedia alimento, sabia expor minhas necessidades.

Com um ano e dois meses eu comecei a dar meus primeiros passos e minha mãe conta que eu não cheguei nem a engatinhar. O momento de adaptação mais sofrido foi o meu desmame, com um ano e seis meses, pois minha mãe estava grávida do meu irmão e eu queria mamar, porém ela foi orientada que não podia. Para ela foi igualmente triste fazer o desmame, assim tentou iniciar com a mamadeira e eu não me adaptei, ela introduziu o leite de outras maneiras, como mingau, papinha, mas leite puro eu não tomava. Ela conta que eu era um percentil a menos nessa faixa etária, na média de altura e peso, mas sempre fui saudável, comia todos os alimentos, muitas frutas e verduras, só não gostava do leite, mas os derivados sempre gostei também.

Figura 4 – Introdução alimentar



Fonte: acervo pessoal da autora

Em dois mil e um no meu aniversário de um ano, meus pais preferiram comemorar de modo mais reservado, com os amigos mais próximos e a nossa família, em casa mesmo, mas foi tudo preparado com muito amor e carinho. Ganhei muitos presentes bons e dois deles me marcaram bastante, sendo uma Barbie chamada Tereza, que era negra e a pitucona, uma boneca de vestido xadrez vermelho, que ganhei de minha avó paterna. Brinquei com ela por anos, eu a amava e a Tereza, tenho até hoje, na minha estante de livros.

Meu desfralde foi aos dois anos e foi um processo bem tranquilo. Minha mãe tirou a fralda de uma vez só e não colocava nem para dormir, ela forrava o colchão com plástico, caso eu não conseguisse controlar. No início, as vezes acontecia, mas com o tempo eu aprendi rápido, então não molhava a cama, quando íamos passear ela levava um penico e trocas de roupas para utilizar se houvesse necessidade.

2.2 Um novo membro na família

Em dois mil e dois estávamos em Ubatuba em família a passeio e eu estava bem apegada a minha mãe, sempre que ela entrava na água eu ficava chamando-a, a minha avó desconfiou que minha mãe pudesse estar grávida, pois entendia o meu

comportamento como um dos sinais, e então minha mãe passou mal comendo um pastel, teve enjoos e a hipótese se confirmou. O tempo passou e em setembro de dois mil e dois, Marco Antonio, meu irmão, nasceu e eu gostei muito de ter um irmãozinho, meus pais me presentearam com um velotrol dizendo que foi ele que me trouxe de presente. A minha mãe me colocava para ser a ajudante dela nos cuidados com ele, pedia para eu pegar a pomada e a fralda na hora que ela fosse trocá-lo, ajudava na hora do banho e, antes do banho, escolhíamos juntas uma roupa para ele, pegávamos uma toalha e o sabonete, na hora de dar comida, ajudava a dar papinha, a dar suquinho e assim ela conseguia dar atenção aos dois ao mesmo tempo, me introduzindo na rotina dele.

Figura 5 – Cuidando do Marco



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 6 – Comendo com o Marco



Fonte: Acervo pessoal da autora

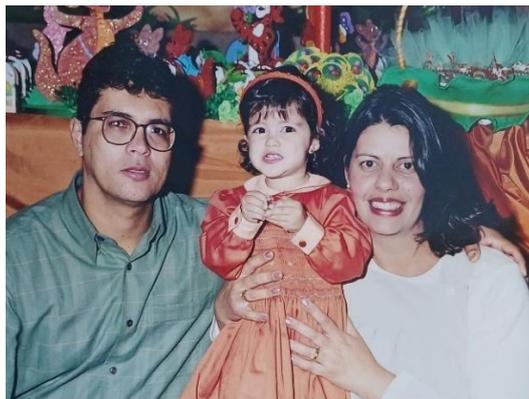
Figura 7 – Ajudando na rotina de casa



Fonte: acervo pessoal da autora

Após o nascimento do Marco, as pessoas vinham nos visitar, sempre me cumprimentavam primeiro e depois a ele, traziam sempre presentes para nós dois também. Minha mãe também conta que sempre que acabava de cuidar dele, amamentá-lo, fazê-lo dormir, ela me pegava no colo e me dava uma atenção a mais, até porque eu era mais velha e entendia melhor. No ano em que ela estava grávida, antes de ele nascer, meus pais fizeram uma festa linda de dois anos para mim, na chácara Mariana, nessa festa tinha vários convidados, teve até palhaço, por ela estar grávida, não podia ficar muito comigo no colo, mas eu me diverti muito. Eles souberam equalizar a chegada de um bebê sem se descuidarem de mim.

Figura 8 – Meu aniversário de 2 anos



Fonte: acervo pessoal da autora

Em dois mil e três meus pais me levaram para conhecer uma escola, e eu adorei, a escola era enorme, tinha piscina, um parquinho grande, bastante areia e grama, eu amei, as funcionárias foram amáveis comigo e como eu sempre fui uma criança muito extrovertida, não tive dificuldades para adaptação.

Quando chegou o primeiro dia de aula, eu entrei na sala e vi várias crianças chorando e com chupeta na boca, chamando pela mãe, então fiquei assustada. Eu já estava parando de chupar chupeta, mas quando vi aquela cena, comecei a pedir a chupeta e não quis entrar na sala, a Lu, que era a secretária, veio em nossa direção para me acolher, como eu tinha conhecido ela no dia em que fui visitar a escola e gostei dela, eu fui no seu colo e fiquei na escola sem problema nenhum.

Após esse episódio, minha adaptação na escola foi ótima, eu me dei bem com meus colegas e não tive problemas. Gostava de ir para escola, brincava, fazia as tarefas, inclusive nessa época eu entrei na escola no Jardim I e a professora alegou que eu fazia as atividades muito rápido e depois eu começava a distrair meus colegas, querer conversar, brincar, então ela passou a me oferecer atividades extras do Jardim II para eu fazer depois das que eu já havia terminado e depois de um tempo ela concluiu que eu deveria pular uma etapa. A coordenadora junto da psicóloga da escola aplicaram uma avaliação e a escola concordou que eu fosse direto para o Jardim II.

Figura 9 – Foto na sala de aula



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 10 – Foto na quadra da escola



Fonte: acervo pessoal da autora

Nessa mesma época eu estava fazendo terapia, havia começado alguns meses antes de entrar na escola porque minha mãe queria que eu parasse de chupar chupeta, já meus dentes estavam ficando tortos. Eu já estava parando, mas quando fui para escola, onde todos chupavam, eu comecei a pedir novamente, foi quando a terapeuta passou algumas orientações e um dia eu joguei a minha chupeta no telhado da minha avó e eu finalmente parei, pois minha mãe não me deu outra e quando eu pedia ela me recordava de que eu havia jogado fora.

Neste mesmo ano minha avó percebeu que o meu olho esquerdo estava meio torto e foi quando minha mãe me levou a uma médica, oftalmologista especialista, para me examinar e descobriram que eu tinha um estrabismo. Encomendaram meus óculos e minha mãe recortava meus tampões de cartolina, que eu usava 1 hora por dia no meu olho esquerdo, eu lembro que eu tinha que usá-los na escola, e não

gostava, mas minha mãe era muito estratégica, assim ela colava um adesivo diferente cada dia, as professoras até elogiavam, o que se tornou divertido, mas tenho algumas vagas memórias de crianças fazendo piadas de mau gosto comigo pelo uso dos tampões.

Eu era uma criança tranquila, brincava sozinha, me comportava na igreja, em restaurantes, mas tinha meus momentos, era travessa às vezes. Já levei um tombo do alto da escada e rolei ela toda em casa, em Ubatuba eu caí de cabeça no chão, enquanto estava pulando no sofá, minha mãe me advertia “Mariana, para senão você vai cair”, e eu caí mesmo. Em um outro dia minha mãe foi pendurar roupa e ao subir as escadas se deparou com vários cachinhos do meu cabelo caídos na escada, que eu mesma havia cortado, em outro episódio em que eu estava toda arrumada pra ir a um aniversário eu estava andando pela cozinha, cai de queixo no chão e levei quatro pontos, meus pais tiveram que deixar meu irmão na casa da minha avó e me levar ao hospital, eu tenho uns flashes desse dia, me lembro até a jaqueta que minha mãe estava usando.

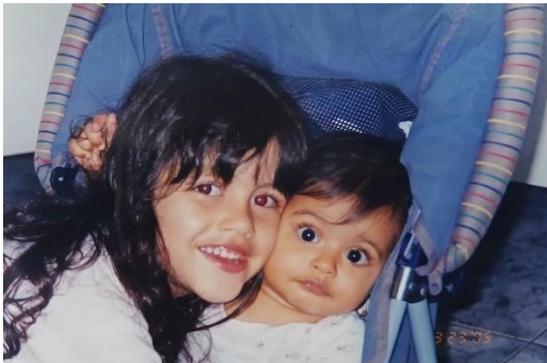
2.3 Uma família completa

Em onze de junho de dois mil e quatro veio ao mundo a minha irmã mais nova, Ana Clara, que durante a gestação minha mãe foi internada por uma semana para não sofrer um aborto. Eu fiquei em casa com meu irmão, minha avó e a Inês, uma amiga da família que é babá e meu pai. Na hora de dormir, minha avó cantava para mim, contava histórias e eu ficava bem, mas pedia pela minha mãe às vezes e meu irmão era muito pequeno para entender.

Quando a minha irmã chegou em casa, chegaram juntos presentes que ela havia nos dado, eu ganhei um cavalinho e meu irmão um velotrol azul. Eu continuei ajudando minha mãe a cuidar dos afazeres relacionados aos cuidados dos meus irmãos e tenho registros de momentos que os alimentava. Agora eram dois irmãos e eu era a mais velha, então era a que mais ajudava. Sempre aceitei bem o fato de ter irmãos, nunca fomos briguentos ao extremo, apenas umas brigas bobas em alguns

momentos, mas era normal, coisa de irmão, um pouco de ciúme, principalmente meu e da minha irmã com o Marco, quando crescemos um pouco mais, mas sempre nos demos bem, com muito amor e carinho envolvido em nossas relações.

Figura 11 – Foto com a Aninha



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 12 – Cuidando da Aninha



Fonte: acervo pessoal da autora

Fomos sempre muito unidos desde pequenos, não só nós irmãos, mas a família toda, meus pais gostavam de ir à missa todos os domingos, íamos na missa de criança, ganhávamos o pãozinho, como se fosse a comunhão, tinha teatro, havia um momento em que a gente dançava e era bem legal. Quase todas as sextas eles nos levavam ao shopping, gostávamos dos brinquedinhos do mac lanche feliz, o lanche mesmo não comíamos. Me recordo também de irmos comer em um restaurante perto de casa, às vezes comíamos pizza também à noite, nesse mesmo lugar. Refletindo a respeito da maneira como fui criada, penso que nada me faltou e minha educação foi muito rica, me sentia amada e nada me faltava. Entendo que minha família cumpria o que lhes competia.

Compete à família assegurar aos seus membros, bem-estar material, emocional e espiritual além de convivência em ambiente agradável, como forma de garantir, a cada um, conforme os ditames da lei e da moral, formação adequada para que possam transmitir aos descendentes uma vida perfeitamente saudável. Isso implica em capacidade de amar e de sentir-se amado, amparado, útil e valorizado, nas diversas fases da vida. Esses valores morais, culturais, cívicos, materiais etc, precisam ser transmitidos não só, através da instrução, mas, principalmente, através da educação (Rodrigues, Sobrinho, Silva, 2000, pg. 45)

Em dois mil e seis, Aninha já tinha dois anos, o Marco quatro anos e eu seis, então era possível brincarmos todos juntos, e brincávamos bastante, de casinha, de velotrol, de boneca, de desenhar, desde pequenos sempre fomos bem estimulados, minha mãe sempre comprou livros e brinquedos educativos, brincávamos de escolinha e, quando minha irmã cresceu mais eu brincava com ela de escritório. Eu e Aninha também brincávamos de estilistas, me lembro que eu desenhava vestidos, pegávamos batom da minha mãe, sapato e bolsa para usarmos. Nessa época minha irmã entrou na escola, ela entrou com dois anos, mais cedo que eu e meu irmão, porque ela nos via ir para aula e ficava chorando, pois queria ir também, então minha mãe a colocou na creche, lembro que teve uma noite do pijama na creche dela e eu e meu irmão fomos, foi bem divertido.

Figura 13 - Brincando na varanda



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 15 – Dia de verão



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 14 - Diversão no quintal



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 16 – Vestidos para escola



Fonte: acervo pessoal da autora

Minha mãe sempre foi maravilhosa, ela sempre foi uma mãe muito amorosa e carinhosa, quando éramos pequenininhos ela sempre nos mantinha por perto, no cercadinho, enquanto ela cuidava da casa, sempre nos ensinou a dormir nas nossas camas, embora eu quando maior às vezes ia dormir na cama dela, quando meu pai estava na fábrica e pela manhã ele me colocava de volta na minha cama e ia dormir, mas na maior parte do tempo, nós nunca fomos crianças que dormíamos na cama dos pais. Ela contava histórias para dormirmos, histórias para comermos, porque apesar de sempre comermos de tudo, comíamos pouquinho. De acordo com Reginnato, (2013, p. 4)

A afetividade está diretamente ligada às emoções, por isso pode determinar a maneira como as pessoas vêem as situações e como se manifestam a seu respeito. Desde a infância, a autoestima é alicerçada pela afetividade, pois uma criança que recebe afeto se desenvolve com muito mais segurança e determinação.

Dessa forma eu reflito que meu desenvolvimento na infância foi bem estruturado, devido ao afeto que eu recebia dos meus pais.

Em relação ao meu pai, ele sempre trabalhou em fábrica, cada hora em um período, mas ele sempre nos levava para passear aos finais de semana, passeávamos muito em família, sempre foi um homem generoso e muito bondoso, entretanto foi menos afável que a mamãe, devido à criação dele, mas era possível sentir o seu amor. Ele tinha seus momentos e maneiras de demonstrar carinho, nos jogava para cima e sempre foi muito divertido, quando fazíamos bagunça, nós o entendíamos apenas pelo olhar, não precisava uma palavra sequer, compreendendo o seu olhar, imediatamente parávamos. Nem ele e nem a mamãe nunca bateram em nós, ela, no máximo, aquelas chineladas de leve.

Um dos momentos que eu mais amava em família era quando todos nos abraçávamos no meio da cozinha e ficávamos abraçados, pulando e girando, muito empolgados. Sempre fomos muito unidos, somos até hoje.

Figura 17- Passeio na praia



Fonte: acervo pessoal da autora

Nessa época, aos sete anos, eu queria fazer tudo que aparecia na escola, eu fiz balé, fazia natação, eu fiz jazz, e até futebol. Fora da escola eu fiz dança do ventre com a minha irmã e minha mãe fazia dança cigana no mesmo estúdio, chegamos até a fazer apresentações, minha irmã era bem pequenina e todos se admiravam ao nos ver juntas.

Na escola Sabatino, onde eu estudava nesse período, houve um evento e chamaram a mim e minha mãe para nos apresentarmos. Convidamos uma amiga da minha mãe que fazia dança cigana com ela, e nos apresentamos. Considero que tive uma infância muito feliz, com meus pais super presentes, eu não me recordo de tudo, mas vejo amor transbordando em várias fotos, as quais muitas delas selecionei para este memorial. Esse contexto contribuiu muito para a minha formação integral.

Figura 18 - Vestida para o ballet



Fonte: acervo pessoal da autora

Nesse mesmo ano nós ganhamos nosso primeiro animal de estimação, uma cachorrinha que demos o nome de Lilika, até hoje me lembro da sensação de quando nós fomos buscá-la e colocamos os pés para cima no banco de trás do carro, pois estávamos assustados e ela era super agitada, muito brincalhona e ativa, chegou em casa fazendo muita bagunça, mas também trazendo muito amor.

Figura 19 – Amor de quatro patas



Fonte: acervo pessoal da autora

2.4 Pequena grande família

Minha família é pequena, além dos cinco membros de casa, nossas comemorações sempre tinham apenas nossas avós e meu tio. Nunca tivemos contato frequente com parentes.

Quando eu era pequena morava na casa dos fundos, meu pai construiu no terreno atrás da casa da minha avó paterna, ela se chamava Alzira, eu não tenho muitas recordações dela, pois ficou doente quando eu tinha 6 anos, e faleceu, mas me lembro que ela adorava cozinhar, acredito que meu amor por macarrão vem dela, porque na casa dela, de acordo com minha mãe, todo domingo tinha macarronada com frango assado.

Do lado paterno, tenho apenas um tio vivo, o tio Sérgio, não tenho recordações com ele no período que eu era criança, mas atualmente vamos visitá-lo no final do ano, periodicamente. De acordo com minha mãe, meu pai tinha um outro irmão que morreu quando eu ainda era bebê, o nome dele era Romeu, ele sempre me mimava muito, eu não me lembro dele, mas quando falam dele eu tenho uma sensação muito boa. Outra tradição mantida no final do ano era visitar a tia Alice, era tia do meu pai, principalmente depois que minha avó faleceu, em todas as festas de passagem de ano nós íamos almoçar lá, a família era enorme, cheia de primos de segundo grau, havia muita comida, doces caseiros e amigo secreto, era muito divertido.

Não conheci nenhum de meus avôs, mas as pessoas que sempre foram presentes em minha vida e que considero minha família, depois daquelas que moram em casa, são meu tio Junior, e minha avó materna, Vicentina. Minha avó sempre foi presente desde a minha infância, eu e meus irmãos íamos dormir lá as vezes, quando nossos pais tinham compromissos, era muito bom.

Meu tio, durante nossa infância, trabalhava em São Paulo, então não o víamos com tanta frequência, mas já no meu período de adolescência eu lembro que ele foi uma grande influência para mim, no momento de eu definir as preferências musicais, ele sempre gostou muito de artistas pop, como Beyoncé, Madonna, Rihanna entre outras e eu me lembro de decorar as letras das músicas e assistir todos os clipes.

Observo, nesse sentido, o quanto as relações interpessoais refletem na construção da identidade de seus membros. Assim,

A interação desses diferentes sistemas de crenças nas relações interpessoais na família e fora da família, influencia significativamente nos comportamentos de cada membro da família. Existe uma reciprocidade de interação neste sistema (Rodrigues, Sobrinho, Silva, 2000, p.41).

A maneira como meu tio influenciou na minha infância e em alguns conceitos criados na minha cabeça me marcou muito, várias das tradições que temos em família também fizeram com que eu reforçasse valores passados pelos meus pais, os quais me agradam e vejo sentido em mantê-los, não só por dever familiar, mas por apreciá-los.

Nos dias atuais nossa relação é muito próxima, é como se ele fosse um segundo pai para mim e meus irmãos, mesmo considerando que ele não tem filhos e é solteiro. Devido a isso, seu tempo para sair e para viajar é muito flexível, nós vamos ao cinema, saímos para comer lanche, ele nos dá presentes, nós ajudamos a cuidar da vovó, quando ele viaja nós revezamos para ir dormir com ela. Sempre fomos nós sete, em comemorações aqui em casa, aniversários mais reservados, apenas para nós. Até os dias de hoje somos sempre nós, principalmente em aniversários e natal e me agrada muito o fato de sermos somente nós. Eu sempre gostei de ter uma família pequena, é uma sensação muito boa e sempre fomos muito unidos. Sou bem apegada à minha família.

Figura 20 – Tio Ju brincando com a gente no clube



Fonte: acervo pessoal da autora

2.5A única menina da sala

No terceiro ano do ensino fundamental eu era a única menina na sala, éramos em poucos alunos, creio que oito ou nove alunos, e eu era a única menina, mas eu me interagia muito bem com todos os meus colegas, participativa sempre em sala de aula, e os recreios eram divertidos. Eu estava sempre brincando de pega-pega com os meninos e geralmente eu acabava sendo a pegadora por ser mais devagar e sempre terminar sendo pega, mas tinha um amigo nosso, o João, que era menor que eu, então eu conseguia correr mais rápido que ele. Meu melhor amigo era um menino negro e minha mãe conta que na escola, eu o defendia, uma vez alguns meninos vieram ofendê-lo com comentários racistas, e a coordenadora comentou com minha mãe que me viu defendendo-o. Eu gostava muito dele, e me lembro que ele adorava dinossauros e era muito fã do Michael Jackson.

No quarto ano finalmente entrou uma menina na sala, a Amanda, no começo eu não gostei muito porque a atenção não estaria mais só em mim, mas logo me acostumei, era muito bom ter uma menina pra conversar e poder brincar de coisas femininas de vez em quando, mas não durou muito, nesse mesmo ano a diretora vendeu a escola para um pastor e após esse ocorrido, a escola começou a ficar muito monótona, todas as comemorações feitas lá tinham músicas *gospel*, não era nada democrático, então no ano seguinte meus pais decidiram que eu iria sair de lá, fiquei um pouco triste, mas com a nova gestão a escola não era a mesma.

Eu sempre gostei da escola, saí de lá com boas memórias, os eventos que tinham lá sempre foram excelentes e os professores também. Muitas lembranças permaneceram, como as noites do pijama, e em uma delas a escola pediu emprestado uma barraca do exército, que era enorme. Contudo, meus pais me mudaram para outra escola de ensino fundamental privada, perto de casa.

Coincidentemente tinha uma amiga lá, ela já havia estudado comigo na Pré-escola, foi bom ver um rosto conhecido logo no primeiro dia, mas além dela, eu fiz amizades novas, me relacionava bem com todos, mas sempre têm aqueles com os quais temos mais afinidade, e eu tinha a Bia e o Victor, nós nos dávamos muito bem,

sempre lanchávamos juntos e como não tinha mapa de sala nós nos sentávamos perto sempre que era possível.

Figura 21 – Victor, Bia e eu



Fonte: acervo pessoal da autora

Logo no começo tivemos uma viagem de “formatura” estávamos indo do 5º para o 6º ano e nessa etapa naquela escola os alunos faziam uma viagem para o NR (espaço para acampamentos escolares), e eu acredito que foi uma das melhores viagens que eu já fiz, fomos de ônibus e o pessoal ia sempre animado, cantando, uma experiência inesquecível, com direito até a gritos de guerra, o que criamos, lembro-me a letra até hoje.

O Chalé das meninas era dividido em dois, de um lado todas as meninas populares, eu e a Bia e mais duas amigas da sala do 5ºA, ficamos no quarto ao lado, essas meninas, eram duas amigas que não se enturmavam muito com as meninas da sala dela. Eu e a Bia, apesar de nos darmos bem com o pessoal, queríamos um quarto só nosso, e foi ótimo porque a gente ficou com um armário todo só para nós, assim foi possível tirar tudo da mala e colocar lá, como sempre gostei de organização, foi muito bom.

Aproveitamos muito! As mesas de café da manhã eram deliciosas. Em uma das noites, creio que a primeira, fomos até o restaurante, de trem, para comer pizza, fomos

na piscina, teve festa a fantasia, festa do branco, até dançamos no palco em uma delas.

Teve uma noite de caça ao tesouro e eu me lembro que nos assustaram com uma história de onça e eu e a Bia ficamos chorando na metade do caminho, um menino chamado Guilherme veio nos acalmar. Nós fomos com lanternas, tinham até uns “monstros” pelo caminho e era meio assustador, mas foi bem divertido e no final deu tudo certo.

Um dia nós fomos andar a cavalo e eu tinha muito medo, então a professora ficou mandando beijo para o cavalo andar e eu comecei a chorar, não gostei muito e fiquei brava com a professora, lembro-me que ela ficou brava comigo também por eu ter ficado irritada. Outro dia eu fui andar de caiaque de calça jeans, não sei o porquê, e eu me encharquei toda, e por certo não consegui sair do lugar, até que meu amigo Pedro entrou e me tirou de lá, foi muito divertido. Foi uma viagem muito boa, que aproveitei muito.

2.6 Religião e espiritualidade

Meus pais sempre foram bem religiosos, frequentávamos a igreja Sagrada Família, que sempre fomos desde bem pequenos, nós íamos à missa da criança, era às dez e meia da manhã do domingo, era bem lúdico, tinha canto na entrada, teatro no momento da homilia, dancinha no final e ainda ganhávamos um pãozinho que representava a nossa “comunhão”.

Eu me lembro nitidamente de sempre rezar no carro de manhã indo para a escola, todo mundo rezava junto para o anjinho da guarda e minha mãe quando ia dirigir rezava a oração do motorista e nós rezávamos com ela, isso ocorria sempre quando íamos viajar também, até os dias atuais seguimos essa prática.

Eles participavam e ainda participam das “Equipes de Nossa Senhora”, ENS, que é um movimento para casais cristãos e eu arrisco dizer que é uma das memórias mais marcantes da minha infância. A equipe cresceu como uma grande família, eram vários casais com crianças de idades semelhantes, nós nos reuníamos uma vez ao mês, cada vez era na casa de um casal e, enquanto os pais ficavam rezando e

conversando, as crianças ficavam brincando, alguns Fraters levavam brincadeiras que incluíam a gente também, era muito bom. Com esse grupo, sempre tinham eventos beneficentes, bingos, churrascos, confraternizações, Nós viajávamos para Ubatuba juntos e era literalmente uma família que, em meu ponto de vista, Deus uniu.

Figura 22 - Filhos dos casais das ENS



Fonte: acervo pessoal da autora

Aos meus nove anos eu entrei na catequese e eu gostava bastante, eram três módulos para percorrer na minha época, era muito legal, apesar de eu ser tímida, participava de tudo, tinham várias atividades, dinâmicas e eventos em datas comemorativas, no final do ano tinha amigo secreto, era muito divertido, tenho boas memórias guardadas desse período. Eu me lembro que no primeiro ano fui anjinho em uma encenação que teve, a catequista queria que eu fosse Maria, mas eu sempre fui muito tímida, nunca quis chamar atenção, nem coroinha eu fui, embora meus pais quisessem muito.

Figura 23 – Minha primeira comunhão



Fonte: acervo pessoal da autora

Em dois mil e doze eu fiz o retiro da Aldeias de Vida para Adolescente, lembro-me que foi a nona aldeia, foi muito boa a experiência, eu era muito novinha, mas me emocionei muito, foi muito bom ter aquele momento com Deus. Eles tinham vários encontros aos domingos, mas erámos bem crianças e eu lembro até de ter tido uma crise de risada em um dos encontros e era um momento super sério. Eu não perseverei nos encontros, mesmo tendo adorado o retiro e até feito algumas amizades que acabei me afastando com o tempo.

Com doze anos eu entrei na crisma e lá foram apenas dois anos, mas foi uma ótima experiência, ainda era tímida, mas eu adorei tanto que mesmo depois de crismada continuei lá como ajudante de um catequista. Ajudava a preparar atividades, ajudava os crismandos se tivessem alguma dúvida, participei de teatros em retiros, foi uma experiência muito boa, mas depois de um tempo eu saí.

Logo após esse período, eu já não ia tanto a igreja, via mais como uma obrigação, não era mais tão prazeroso ir, eu tinha minha maneira de falar com Deus, de agradecer e pedir perdão e não queria ter o compromisso de ficar indo todos os domingos à igreja, eu ia somente em datas específicas pelos meus pais, como a páscoa, natal, proscricões, mas eu não gostava muito.

No ano de dois mil e quinze surgiu um grupo jovem na igreja, ele se chamava Leões de Judá e eu resolvi entrar para o grupo, e para minha surpresa eu adorava fazer parte, era todo domingo à tarde, eu ia sempre, até que um tempo os organizadores do grupo não conseguiram mais mantê-lo e por algum motivo ele acabou, eu não me lembro bem qual era o motivo.

Nesse ínterim, minha vida estava bem conturbada, era o período do ensino médio. Minha mãe já aceitava o fato de eu não ir mais à igreja, e com o tempo nem nas datas importantes eu ia mais, para mim não havia mais sentido.

Atualmente, eventualmente, acabo indo e até gosto de ir, surge um sentimento de nostalgia, mas não vejo como obrigação. São raros esses momentos, mas às vezes acontece de minha mãe me convidar e eu vou, mas só quando é algo em específico, no geral ela não convida, pois compreende que eu não vejo sentido em ir à igreja, em momento algum eu não disse que não acreditava em Deus, embora com as provações da vida eu cheguei a duvidar, mas nunca foi esse o motivo para eu parar de frequentar as missas. Eu acredito em Deus e pratico minha fé de outras maneiras e meus pais respeitam isso aqui em casa, mesmo sendo bem participativos e ativos na comunidade, atualmente como coordenadores do grupo de ministros da pastoral, participando de muitos eventos sempre. Nesse contexto é possível observar que,

no desenvolvimento juvenil, os adolescentes caracterizam-se justamente pela busca de outros referenciais para a constituição de sua identidade fora da família, como parte de seu processo de individuação frente ao mundo familiar, social e espiritual (Becker; Maestri; Bobato, 2015, p.89).

Sempre tive curiosidade em conhecer a doutrina espírita e hoje, aos vinte e dois anos, busquei frequentar um lugar onde eu pudesse conhecer mais e cuidar mais da minha espiritualidade, isso fez com que eu me aproximasse mais da vida de igreja dos meus pais, voltei a rezar o terço com eles a tarde e me faz muito bem, pois não faço como obrigação e sim porque eu gosto. Está sendo uma fase espiritual muito boa da minha vida.

3 Novas experiências e descobertas

3.1 Crescendo e amadurecendo

Em 2012 iniciei os estudos no sexto ano do ensino fundamental, muito empolgada devido às diversas mudanças e novidades que me animavam, as salas eram no andar superior da escola, onde estudavam os alunos mais velhos. Uma das mudanças estava relacionada aos professores, pois era um para cada disciplina, ademais tínhamos aula de laboratório e era nossa responsabilidade escrever as tarefas na nossa agenda, o que me instigava pelo sentimento de estar crescendo.

A hora do intervalo era a melhor hora do dia, havia uma caixa de som ao lado da quadra, onde o nono ano selecionava músicas e era possível ouvir no pátio todo. Alguns alunos jogavam bola, alguns jogavam pingue-pongue, as salas faziam revezamento durante os dias da semana e tinha uma cantina para quem não trazia o lanche de casa, mas eu sempre levava o meu.

Eu me lembro que ao retornarmos das férias de julho a coordenadora fez um comentário sobre como eu estava desenvolvida, um elogio da parte dela, mas me marcou de maneira negativa e eu lembro disso porque eu não gostava de exaltar essa característica em mim, pois não queria me destacar. Refletindo sob essa perspectiva, na mente do jovem, ele acredita que sua imagem corporal deve estar em conformidade com os padrões estabelecidos pela sociedade para que seja aceito pelas pessoas, ocasionando, deste modo, uma visão distorcida de sua imagem corporal (Martins; Nunes; Noronha, 2008, p. 95).

Ademais, sou de família conservadora, em casa minha mãe sempre fez parecer que era uma característica “ruim”, não podia usar shorts um pouco mais curto nem para dormir porque era falta de respeito com meu pai e meu irmão, mas na minha mente isso não fazia sentido, porque eles eram membros da família, e não me viam como mulher e sim como filha e irmã.

Eu sei que foi assim que ela aprendeu e não agia desse modo por mal, mas isso gerava um bloqueio em mim e fez com que eu não gostasse de ter me

desenvolvido, eu não gostava do meu corpo. Foi nesse ciclo escolar que isso foi cada vez mais crescendo em mim.

No sexto ano nós já podíamos participar dos jogos interclasses, era uma série de jogos em que competíamos com a sala que estivesse um ano a nossa frente, nessa época, o sétimo ano, as meninas eram bem fortes, raramente conseguíamos vencer na parte esportiva, mas mesmo assim era divertido só de participar. Havia o grito de guerra, e nesse ano nós vencemos, nosso tema foi o filme “Rio”, a camiseta era vermelha com a arara azul e uma frase escrita, escolhemos uma música e criamos uma paródia, tinha o mascote também, e ainda usamos um acessório de arara azul na cabeça.

Nesse tempo meu pai parou de me ajudar no dever de matemática, porque ele não tinha tanta paciência, a matéria era mais complicada e meu raciocínio mais devagar, eu nunca tive facilidade na área de exatas, mas eu não quis mais incomodá-lo com isso.

Eu parei de entregar algumas tarefas, e vieram minhas primeiras recuperações nas matérias de geometria e matemática.

Tenho várias memórias boas do meu ensino fundamental assim como ruins, mas decidi começar refletindo sobre as boas. Eu adorava os eventos que a escola nos proporcionava para aprender, lembro que havia um dia do livro em que nós íamos fantasiados e montávamos stands de leitura para os alunos mais novos, contávamos história para eles, outros alunos faziam teatro, eu apreciava muito.

As feiras de ciências me deixavam um pouco apreensiva por ter que apresentar meu trabalho para várias pessoas de fora, pais de alunos e outros colegas, sempre fui muito tímida e ficava nervosa, mas era uma experiência muito rica, desde me reunir para a montagem dos trabalhos, até as apresentações.

Teve um ano em que eu fiz uma pirâmide alimentar, me lembro de irmos montá-la na casa de uma amiga que morava em um local bem afastado da cidade, era muito agradável quando nos reuníamos para montar o trabalho, além do aprendizado, havia toda uma interação.

Em outro ano fizemos um vulcão, o pai de uma amiga sabia fazer bombas caseiras, e fez uma que soltasse apenas fumaça para colocar dentro do vulcão,

fizemos um teste no laboratório da escola alguns dias antes e a coordenadora achou que estava pegando fogo, pois era muita fumaça e exalava um odor muito forte.

Um dos meus momentos favoritos na escola eram as apresentações no final do ano, a Noite Cultural. Eu participava da Ginástica Geral (GG), pois sempre adorei tudo relacionado à dança e ela era apresentada como uma opção de aula extra na escola.

A Noite Cultural era linda, acontecia no Sesc todo ano, havia apresentações de teatro e com as meninas da GG, os alunos apresentavam músicas na flauta doce, no final da noite, que ensaiávamos nas aulas de música, não era obrigatório, mas eu gostava e participava, trocávamos de roupa no camarim depois da dança, para fazer a apresentação de flauta, era uma correria nos bastidores.

A escola tinha um espaço rural para os alunos e às vezes nós éramos levados até lá de ônibus para fazermos atividades extracurriculares ou também comemorações festivas.

Figura 24- Passeio com a escola



Fonte: acervo pessoal da autora

Havia uma charrete com um potrinho, nós fazíamos fila e íamos de três em três para passear. Lá tinha um pomar lindo, um parquinho e até uma piscina, que quando estava calor, nós podíamos levar roupa de banho para nadar, nós adorávamos. Teve um ano em que aconteceu uma festa junina, e fizeram uma fogueira enorme, tinha inclusive pau de sebo.

Um acontecimento marcante em meu sétimo ano foi o tema escolhido para o nosso grito de guerra nos jogos interclasses, “memes”, eram umas carinhas que faziam muito sucesso na época, porém o grito de guerra não ficou bom, as cores que escolhemos para fazer a camiseta também não deram certo na gráfica em que mandamos fazer, não estávamos confiantes, apenas ganhamos em algumas competições esportivas, por estarmos competindo contra meninas do sexto ano.

No ensino fundamental apresentávamos trabalhos a frente da turma toda e eu sempre fui tímida, com sorte podíamos usar papéis para acompanhar e os trabalhos não tinham falas tão extensas, exceto pelas feiras de ciências.

No verão, todas as meninas usavam shorts para frequentar as aulas, nunca foi proibido na escola. Nos dias de muito calor eu usava, e sempre foi do mesmo comprimento que as demais garotas, minha mãe jamais iria deixar eu ir à escola usando algo inadequado, porém em um desses dias eu estava indo ao banheiro e um colega de outra turma fez um comentário sobre meu corpo apontando para meu shorts e a moça que limpava a escola viu e chamou a minha atenção como se eu estivesse fazendo algo errado, passados alguns minutos fui chamada a direção e pediram que eu colocasse uma bermuda masculina emprestada da escola.

Eu me lembro como se fosse ontem do sentimento de vergonha e de humilhação. Esse episódio me marcou de maneira negativa e eu nunca entendi o porquê de precisar passar por aquilo quando claramente eu não havia feito absolutamente nada que outra menina não fizesse.

Foi nessa época em que me recordo de usar calças *legging* e camisetas do meu pai para frequentar lugares como shoppings e aniversários, eu tinha vergonha do meu próprio corpo.

3.2 Novas experiências enfrentando a timidez

Em dois mil e quatorze eu entrei no curso de inglês, e tenho lembranças até hoje da sensação do meu primeiro dia de aula, quando minha mãe me deixou lá com o coração apertado porque eu estava com lágrimas nos olhos, engolindo a seco, muito nervosa, eu era extremamente tímida para falar em público, principalmente por ser

outra língua, a minha sorte foi que a secretária era muito gentil, de voz doce e foi me acalmando aos poucos.

Segundo Aguiar, 2010, p 9,

As pessoas mais tímidas tendem a supervalorizar os possíveis riscos, assim o novo e o desconhecido tornam-se assustadores. Da mesma forma, observa-se que o tímido tende a preocupar-se em passar uma boa imagem para as pessoas, tornando-se extremamente exigente consigo mesmo, apresentando por isso mais dificuldade de se relacionar e/ou expressar o que sente e o que pensa sobre as coisas.

Diante dessa afirmação venho refletir com minha experiência pessoal a seguir.

A minha primeira professora também era muito bondosa e divertida, ela se chamava Katia. Quando iniciei o curso já conhecia uma aluna, que era minha amiga na escola, mesmo assim, eu tinha muita vergonha, principalmente nas aulas de conversação, isso me atrapalhou muito no meu desenvolvimento, ficava de recuperação, o que não me causava orgulho, todavia creio que o fato de eu ter muita dificuldade e vergonha me causava insegurança e me impedia de levar esses estudos a sério, como uma autossabotagem.

De maneira geral, eu passei por muitas experiências boas e construtivas, tínhamos uma aula que acontecia toda primeira sexta-feira de cada mês, era um *cooking class*, eu adorava, aprendíamos a receita de algo, geralmente era um doce, em inglês e depois todos comiam juntos, o dia que mais me marcou foi o de brownie com sorvete de creme. Tivemos uma festa junina, com direito a correio elegante, comida típica e até barraca com brincadeiras.

Certa vez houve a comemoração do Halloween também, mas a melhor experiência de todas foi a visita até a fábrica de chocolates, Nestlé, fomos de ônibus, nós todos, conhecemos o interior da fábrica e o processo de alguns chocolates e no fim ganhamos uma sacolinha cheia de chocolates.

Ainda nesse período, durante o curso de inglês, eu pedi à minha mãe para fazer terapia com psicóloga, por ter sentimentos dentro de mim os quais eu não compreendia e outros que eu compreendia e gostaria de receber ajuda.

3.3 Fragmentos de uma etapa

A fase da minha vida a qual irei relatar não está esclarecida dentro de mim, é como um borrão de acontecimentos em específico, que foram traumáticos e delicados para mim, e mesmo ocorrendo no meu último ano do ensino fundamental II, sinto que minha mente fez questão de esquecer muitas épocas de muitos anos que passei lá, justamente por estar em um local onde me remete a coisas que não são agradáveis, tive muitas dificuldades para descrever poucas lembranças dessa época, contudo tenho algo de bom guardado dessa época.

Dentre as que me referi acima, detenho lembranças do meu baile de formatura, assim como minha viagem.

A viagem foi para o Sul, eu me lembro de ser a minha primeira vez em um avião e a menina que estava comigo me deixou sentar na janela, pois eu nunca havia tido essa experiência, nós fizemos a primeira parada no Beto Carrero, eu estava cansada e a minha melhor amiga, Bia, também, ficamos com a cara amarrada o passeio todo e em todos os brinquedos que nossos amigos iam andar. Apenas ficamos carregando as mochilas deles, a única atração que eu aproveitei foi a do velozes e furiosos, onde tinham pilotos correndo e fazendo várias manobras diferentes e radicais com seus carros. Hoje me arrependo de ter sido ranzinza.

Chegando no resort, eram quatro meninas por quarto na ala feminina, e havia mais escolas por lá, eu não me recordo quem ficou comigo, mas sei que a Bia estava na cama ao meu lado. Ela chegou e foi direto dormir, estava irritada.

Exceto o episódio supramencionado, aproveitei muito minha viagem, tiveram várias festas, à fantasia, do branco, até o show de uma Mc, que não me lembro do seu nome. As refeições eram uma delícia! Aconteceram diversas atividades, como na piscina, atividade noturna e eu me lembro que na hora de voltar para a casa eu comprei um chaveiro de coala antes, e dei o nome dele de Frederico, eu o tenho até hoje no meu molho de chaves.

Dentro do avião eu voltei ao lado da coordenadora e dormi quase a volta toda, exceto por um momento em que ela me acordou toda assustada com a turbulência, mas eu não estava com medo, estava tranquila.

Figura 25 – Viagem de formatura



Fonte: acervo pessoal da autora

Meu baile de formatura foi muito agradável, porém cansativo, a colação, a missa e o baile foram todos no mesmo dia. Na colação fui escolhida para homenagear nossa professora de matemática, devido às dificuldades que passei em meus anos na matéria dela, com o seu suporte consegui superá-las e me formar com meus colegas de turma. Eu escolhi um vestido amarelo o qual me arrependo da escolha hoje, mas na época eu amei. Dancei as três valsas, com meu pai, meu padrinho de crisma e uma com um dos meus melhores amigos, o Vinicius, dancei muito, comi, foi uma experiência única.

Figura 26 – Meu baile de formatura



Fonte: acervo pessoal da autora

Estávamos nos dias para nos formar e alguns alunos haviam sido selecionados para bolsa em um colégio renomado, eu fui uma das selecionadas, a coordenadora me chamou à sala dela e me perguntou se me interessava, eu respondi que não tinha interesse de estudar nesse colégio.

Eu nunca valorizei o renome, pois acredito que o aluno é quem faz a escola, mesmo sendo clichê, além do colégio ser frequentado por pessoas de alto padrão. Eu me incomodava com o jeito dessas pessoas, não generalizando, mas geralmente arrogantes. Na época o meu nicho de amigos, mesmo tendo um padrão elevado, não todos, mas a maioria, por ser escola particular, não eram pessoas arrogantes, mas eu conhecia muita gente da qual não me agradava e iria continuar estudando junto, apesar de ter vontade de continuar com meus amigos.

A coordenadora ficou ofendida com minha resposta, chamou minha mãe para uma reunião na escola para dizer que eu não tinha um nível intelectual para o colégio o qual havia mencionado, que ela deveria procurar um colégio com o ensino mais fraco, para que eu conseguisse acompanhar e minha mãe levou isso como verdade.

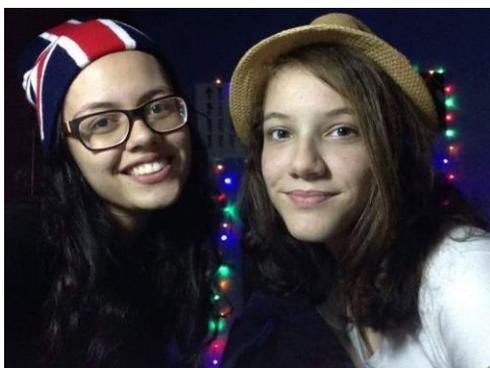
4 Um novo ciclo, com novos desafios e novas conquistas

4.1 O início de um ciclo agitado

Dei início aos meus estudos em um colégio particular no ano de 2015, para minha sorte uma colega da outra escola veio para o mesmo colégio em que eu estava, logo fizemos amizades. Nós andávamos toda juntas, Eu, Julia, Giulia, Larissa, havia também a Arlinda e a Luiza, nós sempre fazíamos os trabalhos juntas e na hora do intervalo geralmente íamos comer no mesmo lugar, ora uma ou outra fazia atividades diferentes com outra amiga.

A minha amiga mais próxima da época era a Luiza, ela era uma das meninas mais inteligente da sala, estava sempre disposta a ajudar com as dúvidas em sala, cantava muito bem e estava sempre apaixonada por algum personagem fictício de série ou banda, nós tínhamos uma imaginação muito fértil e às vezes, no meio das aulas, nós criávamos muitas histórias juntas e a Julia, eu e ela passávamos o dia cantando músicas, além disso, ela desenhava muito bem e gostava muito de desenhar em mim, era muito boa em exatas também e tinha um estilo toda rockeira. Apesar de me dar bem com todas, a Ju e a Lu são as únicas amigas as quais eu mantive contato desde o ensino médio até hoje.

Figura 27 – Eu e a Lu



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 28 – Eu e a Ju no baile dela



Fonte acervo pessoal da autora

O ensino médio foi uma das fases mais difíceis para mim e meus pais, eu já havia iniciado terapia, e já havia passado por mais de uma profissional, a terceira terapeuta pela qual passei me encaminhou à psiquiatra, foi quando comecei meu tratamento. Na época que iniciei meu tratamento, pouco tempo depois meu pai foi demitido da fábrica onde trabalhava, logo não teríamos mais plano médico, porém a médica insistiu em continuar meu tratamento pelo mesmo preço do plano, pois queria me ajudar. O motivo da terapeuta ter me encaminhado para o tratamento é que na época eu surtei e saí de casa perambulando pelas ruas, buscando uma forma de acabar com a minha vida, eu me lembro que era um dia em que eu frequentava o grupo da igreja, eu iria até lá a pé, mas mudei meu caminho nesse dia, depois desse episódio e outros mais que já haviam ocorrido, resolvi compartilhar esse sentimento com minha família.

Minha adolescência foi um tanto conturbada, em meus pensamentos, tudo pelo que luto atualmente não fazia sentido algum para mim, em minha cabeça, o porquê de nascermos e termos que estudar para arranjar um bom emprego e ter um diploma para pagar contas intermináveis, e comprar coisas, as quais não levaremos deste mundo quando formos para outro plano. Eu não sabia conviver com esses pensamentos, eram sentimentos de revolta, os quais hoje eu entendi e aprendi a conviver.

Minhas notas eram baixas no segundo ano do ensino médio, eu pedia para que meus pais parassem de pagar escola, pois eu não iria mais estudar. Levei muito tempo tentando convencê-los a parar de pagar a escola.

Eu frequentava um parque em frente de casa, nesse dia em que eu estava lá quando começou a anoitecer e eu resolvi simplesmente não voltar, eu fugi, depois de muitas ligações e mensagens deles e amigos preocupados, eu contei onde eu estava, uma amiga da minha mãe foi me buscar, chegando em casa eu disse a eles que não queria estudar mais naquele lugar, que estava cansada de tudo, eles não entendiam minha revolta e eu não entendia a angústia deles como pais.

Aquela escola em si era um ambiente que não me cativava, apesar de ter meus amigos, eu não era feliz naquele lugar, mas era reconfortante ter meus amigos e ter aulas com alguns professores, das matérias as quais eu gostava, filosofia e sociologia, carregando essas aulas, e as professoras que as ministraram, em meu coração, entretanto havia uma aula que contribuiu para que meus traumas em relação a falar em público fossem reforçados.

Nas aulas de literatura a professora sempre nos dizia que quando chegássemos na faculdade iria ser muito pior, que ela estava nos preparando para o pior, eu me lembro dos seminários dela, sempre me apresentava tremendo com a folha na mão e no final chorava, ela sempre criticou quem usava as folhas, mas assim eu me sentia segura. Em algumas apresentações eu nem me levantava, eu abaixava a cabeça e ficava chorando até meu grupo terminar a apresentação. Barbosa, 2016, p19, baseando-se nos pensamentos de Alsop, 1999, acreditava que

tais práticas provocam lembranças desagradáveis na maioria das pessoas, pois é bem provável que já tenham sofrido com algumas dessas reprimendas no período em que estiveram na escola. Pior do que as más recordações é o desenvolvimento de transtornos de ansiedade em relação à avaliação, que podem ser bastante persistentes, causando sérias dificuldades que repercutem em várias áreas da vida do indivíduo, como a acadêmica, a profissional e os relacionamentos interpessoais, uma vez que o ato de avaliar, em suas múltiplas formas, apresenta-se em quase todos os segmentos do cotidiano do indivíduo
(Alsop, 1999 *apud* Barbosa, 2016, p. 19).

Acredito que a postura do professor deve ser contrária a isso, cativando seus alunos e passando a eles confiança, durante sua trajetória na escola, para que seja um processo tranquilo de aprendizagem, com isso

Ser promotor de afetividade é incentivar, apoiar, aconselhar. Pequenas atitudes podem fazer a diferença para aquela criança que chega à escola totalmente desmotivada e desanimada, sem vontade de se abrir para novas oportunidades de aprendizado. Se, ao invés de criticá-la pela sua postura diferenciada em relação aos demais membros da turma, o professor elogiar seus aspectos positivos, já estará fazendo um grande bem
(Reginatto, 2013, p.7).

Em um dia em que iriam acontecer esses seminários, eu tive uma consulta com minha psiquiatra dias antes e pedi a ela um atestado alegando que eu não conseguia me apresentar, porque eu realmente estava criando pavor daquela situação, por conta daquela professora. No dia haveria dois seminários, um de geografia e outro de

literatura, eu me lembro de acordar e não querer ir a aula, não querer levantar da cama e tentar conversar com a minha mãe e dizer que não estava me sentindo bem.

Na atualidade, refletindo a respeito de tudo o que ocorreu nessa circunstância, é possível estabelecer uma relação com uma afirmação de Libâneo (2006, p.64) acerca da Pedagogia Tradicional, na qual “A matéria de ensino é tratada isoladamente, isto é, desvinculada dos interesses dos alunos e dos problemas da sociedade e da vida.” Ademais, a falta do uso de uma abordagem didática pode acarretar em um sentimento de pesar no processo de aprendizagem.

Chegado o momento das apresentações, eu entreguei o atestado à professora de geografia, em prantos, mas ela era super compreensiva, já nos conhecíamos, pois me deu aulas no ensino fundamental e, para ela, eu não precisava ter entregado o atestado, apenas conversado, teria que ser entregue apenas à outra professora, que não compreendia minhas dificuldades.

4.2 Terceiro ano em escola pública, nova perspectiva

Chegado ao final do segundo ano eu estava de exame em oito matérias das quais estudei durante o ano, passado as provas, em quatro matérias eu fui aprovada pela minha nota na prova, e nas outras quatro matérias foi o conselho que me aprovou. Claramente eu não tinha mais interesse em estudar, principalmente naquele lugar.

No terceiro ano eu consegui que meus pais me colocassem em uma escola pública que ficava a alguns quarteirões à frente de casa, foi um alívio poder estar em outro ambiente escolar, eu fiz dois amigos, o Lucas e a Thaisa, e eu realmente não estudava, eu chegava na escola e dormia até a hora do intervalo, que era uma das melhores horas, pois a comida da escola era gostosa. Havia um dia da semana no qual as duas primeiras aulas antes do intervalo eram de história e o professor me acordava para fazer os exercícios, mas eu voltava a dormir, a aula dele não era nem um pouco cativante e eu já havia aprendido a matéria na outra escola, então não via motivos para prestar atenção.

Depois do intervalo eu não dormia, ficava acordada, se fosse alguma matéria de interesse eu participava, nunca desrespeitei nenhum professor, mas comecei a

perceber que eu já havia aprendido aqueles conteúdos. Em época de provas eu nunca precisei estudar muito pelo fato de ser tudo uma grande revisão para mim, a menos que fosse alguma matéria em que eu sempre tive dificuldade, como matemática, por exemplo, contudo havia uma matéria, a de artes da qual eu não tinha no colégio privado e era uma das matérias mais ricas em cultura e uma das que eu mais gostei de aprender em meus dias na escola pública, os conhecimentos que eu adquiri lá a respeito de culturas diferentes foi muito significativo.

No segundo semestre eu já havia mudado algumas atitudes, não dormia mais nas aulas antes do intervalo, procurava participar mais e minhas apostilas não ficavam em branco, a única aula na qual eu nunca gostava de estar era educação física. Era meu último ano, a turma não era muito unida, não brigávamos, mas existiam nichos, eu sempre fui educada com todos, mas tinha apenas dois amigos que eu realmente gostava, pela falta de interação não tivemos oportunidade para fazer churrasco da turma nem outra comemoração, pela falta de adesão, um abaixo assinado foi passado por uma colega, Emily, ela não era muito simpática, eu não tinha interesse em confraternizar com a turma toda então não assinei e meus amigos também não. Ela não ficou feliz com isso.

Figura 29– Eu, Lucas e Thaisa na aula de informática



Fonte: acervo pessoal da autora

4.3 Meu tratamento psiquiátrico, obstáculos e conquistas pelo caminho

Em dois mil e dezesseis, quando fui encaminhada à psiquiatra, não foi tão fácil logo de primeira aceitar que eu precisava tomar remédios, principalmente porque minha mãe me criticava muito, qualquer irritação que eu tinha no meu cotidiano ela me perguntava se eu havia tomado minhas medicações corretamente e para mim era injusto, pois todas as pessoas têm seus momentos de aborrecimento e isso não tinha relação com o fato de tomar remédio ou não, muitas das vezes eu não estava mesmo tomando. No começo, diversas vezes eu jogava muito o remédio fora escondido ou até mesmo esquecia, mas muitas vezes eu os tomava, havia diferença entre meus surtos e ficar irritada com algo (normalmente igual a uma pessoa em sua rotina com algo que não deu certo) e o fato de ela fazer esse questionamento, me deixava mais irritada, o que parecia confirmar que eu não tinha tomado o remédio.

Isso, a meu ver, tratava-se de ignorância da parte dela, pois eu não via o estabelecimento de relação entre a demonstração de aborrecimento com a medicalização. Eu queria que eles ficassem felizes por eu estar me cuidando e me esforçando para entender o que estava acontecendo comigo, não era fácil para eles e não era fácil para mim.

As minhas crises mais comuns eram as de choro em momentos de ansiedade, eu chorava escondida, geralmente a noite enquanto todos dormiam e eu costumava me automutilar também, isso me ajudava muitas vezes a acabar com a crise, principalmente se eu estivesse em público e precisasse me recompor rápido, ou funcionava como forma de me punir por algo que eu fiz. Com o tempo eu fui aprendendo a lidar com minhas crises, a entender o gatilho, o início delas, não que eu conseguisse impedi-las, demorou anos para que pudesse controlar. Até que cedi, passei a aceitar as medicações, que eram bem fortes.

Durante o período do ensino médio sempre voltava dormindo no carro, muitas vezes eu não almoçava, ia direto para a cama, e comia só mais tarde. Hoje faço uso de apenas duas medicações e apesar de ter me acostumado e há muito tempo tomar sempre certinho, eu resolvi perguntar a Dra. o porquê de eu precisar tomá-las, qual

era meu diagnóstico, porque sempre fiz o tratamento, mas nunca tive a curiosidade de perguntar o que eu tinha para tentar me entender melhor e conviver comigo mesma e com meus momentos mais angustiantes, isso faria toda a diferença.

A médica me diagnosticou com Transtorno Afetivo Bipolar (TAB), que em uma perspectiva puramente clínica “é uma doença recorrente, crônica e grave. Causa impacto significativo na qualidade de vida dos pacientes, além de grande carga para família e sociedade em geral” (COSTA,2007, p.105). Porém, em uma visão antagônica do senso comum sobre bipolaridade ser considerada estados de espíritos que mudam de um dia para o outro, é de fato um transtorno no qual quem o tem, migra da euforia à depressão, todavia não é uma mudança instantânea, mas um estado que dura meses, com uma transição vivenciada ao longo desse período, em um momento da sua vida o sentimento é de estar muito mal e, no outro, pode-se migrar para a impulsividade ou euforia. Depois de entender esse conceito mais coerente com a realidade, eu consegui definir muitos desses momentos em minha vida e assim pude me entender e me acolher.

4.4 Presente de Deus

Em dois mil e dezoito, uma das minhas melhores amigas, Julia estava no Canadá e descobriu estar grávida do namorado que estava aqui no Brasil, e quando ela veio me contar estava assustada, com medo do que iria acontecer, mas eu ficaria do lado dela e a apoiaria em qualquer que fosse sua decisão, ela entrou em contato com os pais e teve que vir embora.

Ela ficou uma grávida linda, eu estava muito feliz por ela, mas apreensiva pois eu não gostava do seu namorado, passado o chá de bebê da Maria Julia, ela veio até mim e me convidou para ser madrinha e eu aceitei, fiquei muito feliz de poder fazer parte disso mais ainda, afinal nenhuma madrinha minha foi muito presente e eu queria e ainda quero poder fazer diferente.

Figura 30 – Chá de bebê da Maju

Fonte: acervo pessoal da autora

A Maju, bebê de minha amiga, nasceu em março, em dois mil e dezenove, mesma época em que eu estava entrando na faculdade, então foram muitas notícias boas junto. Eu fui vê-las no hospital, o namorado da Julia estava lá também, ela nasceu tão grande, tão linda, depois de um tempo marcaram o batizado, e me lembro da sensação de segurá-la para o padre batizá-la, porém eu morri de medo de derrubá-la.

Figura 31 – Primeira visita ao hospital

Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 32 – Primeira visita em casa

Fonte: acervo da autora

Eu tento ser presente ao máximo em todos os momentos, aniversários, datas comemorativas, mesmo na rotina corrida da Ju e minha nós marcamos de nos ver e eu quero poder fazer isso sempre, quero que ela saiba que eu estou aqui para ela, eu anseio vê-la crescer mais e eu poder levá-la para sair comigo. Atualmente a Maju tem quatro anos, conseguiu desfraldar, está toda esperta, muito falante e eu sou uma madrinha completamente apaixonada.

4.5 Meu primeiro relacionamento

Em meu primeiro relacionamento eu tinha dezesseis anos e meu companheiro tinha vinte dois anos, nós nos conhecemos em uma festa na casa de um amigo dele, na época fui com duas amigas minhas, a minha amiga era envolvida com o anfitrião da festa. Ele pegou meu número de telefone nessa noite e seguimos conversando, eu estava dormindo na casa de uma amiga no dia em que ele ficou me mandando muitas mensagens, me convidando para sairmos juntos, mas nesse período, para mim não era tão fácil sair de casa com um menino e eu tentei explicar a ele, mas continuou mandando mensagens insistindo para nos vermos, foi onde eu o bloqueei, chegou mensagem pelo meu SMS e, pela tamanha insistência, acabei desbloqueando-o.

Nosso primeiro encontro foi no bar do Osmar, nós comemos panqueca com molho de alho e tomamos cerveja, depois desse dia passamos a nos encontrar mais vezes, eu ia à casa dele e ele me levava a um sítio da família. Quase sempre quando saíamos, eu tinha que dar dinheiro para a gasolina, eu não trabalhava na época e tinha muita vergonha de pedir para o meu pai, mas eu acabava pedindo, sabia que existiam relacionamentos modernos, mas meu exemplo sempre foi meu pai e ele era muito “cavalheiro à moda antiga”, a minha mãe ficava inconformada de eu ter que pagar a gasolina, até porque a mãe dele sempre dava dinheiro pra ele fazer o que ele quisesse, eu não me importaria em ajudar algumas vezes, mas realmente era recorrente.

Em um desses dias no sítio ele me olhou, fez o pedido de namoro e eu aceitei, eu era feliz no começo ou pensava ser. Estar com ele me dava a sensação de

liberdade, foi a época em que mais desrespeitei meus pais e não me orgulho disso, mas me sentia livre, sempre dormindo fora, não trabalhava e ele também não, pois era bancado pela mãe, mas uma hora começa a pesar.

Ele me levava quase todos os dias da semana para algum bar e nem sempre avisava, às vezes eu perguntava se íamos sair e ele dizia que não, então eu não me arrumava e ele resolvia parar em um bar e ficar até quase fechar, onde todas as meninas estavam lindas e eu com uma roupa simples, mal arrumada, eu ficava muito chateada, além de ele me desrespeitar, pois na minha frente, elogiava outras meninas para os amigos, eu estava presa em uma relação completamente tóxica, da qual eu não conseguia sair e eu não consigo explicar o porquê, principalmente hoje com a maturidade que eu tenho, olhando para trás eu jamais teria aceitado esse namoro.

Nós íamos bastante para esse sítio, mas tinha que levar tudo, coisas para comer e beber, e eu sempre pegava um macarrão de casa, mesmo me sentindo mal de tirar da minha família, sendo que podíamos comprar, mas ele só levava macarrão instantâneo. Essas idas ao sítio eram recorrentes principalmente para passar finais de semana e eu sentia muita saudade de casa, às vezes ligava angustiada para minha mãe, e em uma dessas idas o que me marcou muito foi a frase “quando você tiver sua carteira de habilitação, você pode ir embora a hora que você quiser”, eu não podia ir embora e a falta de empatia dele era enorme e assustadora.

No nosso primeiro carnaval namorando, me pediu um “passe livre” como se tivéssemos terminado, para ele passar o carnaval aproveitando e depois nós retomaríamos o relacionamento, e eu aceitei. Ele foi para Minas Gerais com os amigos e eu fiquei em Taubaté, eu tinha passe livre também, mas não fiz nada, porque na minha cabeça era muito errado esse tipo de postura e isso me machucava muito. Eu tentava não demonstrar meu ciúme ou minhas inseguranças perto dele, apenas abaixava a cabeça.

Minhas amigas viam que eu estava me afastando delas e ficando cada vez mais dependente dele, eu sempre estava com ele, ele não me deixava escolher um lanche no carrinho ou um simples acompanhamento para tomar açaí, era tudo sempre

bem barato e para nós dividirmos, mesmo a mãe dele dando dinheiro para ele. A mãe dele era a melhor parte do relacionamento, era como uma mãe para mim, quando eu estava longe da minha família.

A única vez que ele foi em casa foi para pedir para meus pais que me deixassem ir para Ubatuba com ele no final do ano, e ainda quebrou um prato de nervoso, meus pais permitiram, pois na época eu queria muito. Chegando lá ele dormiu tanto pois havia ido a uma festa e estava sem dormir, eu fiquei com muita fome, pois não conhecia ninguém e não queria sair do quarto sozinha, posso dizer que foi uma das piores experiências longe de casa, eu sou uma pessoa muito apegada à minha família, embora naquele momento não parecesse, mas passei por muitas situações desagradáveis, desde ele paquerando outras mulheres na praia até vê-lo barganhando no dia de ir embora. Eu descobri que ele tinha pago o valor de uma pessoa só na diária e não o valor do casal e estava tentando arranjar uma boa desculpa e eu fiquei muito envergonhada porque para mim já estava tudo certo.

A relação não estava indo bem, eu desconfiava que ele me traia, na verdade ele de fato já havia me traído, ele teve relações íntimas com uma colega da faculdade, dentro do carro e eu descobri porque espreitei uma conversa dele com ela. Eles postavam muitas fotos juntos e eu achava muito estranho, eu sabia que ela não era a única, mas não tinha provas, eu não terminei com ele, resolvi perdoá-lo, mas eu sabia também que ele não iria parar, que continuava mandando mensagens para várias meninas nas redes sociais, meninas que ele nem conhecia, mas puxava assunto.

Um tempo depois com a relação desgastada para mim, pois para ele estava tudo bem, já que ele fazia o que ele queria, viajava, não ouvia um não, sempre cedia na relação, perdi a conta de quantas vezes eu me senti violada ou que ele sabia que estava me violando pois eu demonstrava chorando, mas eu não conseguia fazer aquilo parar e ele não fazia o mínimo esforço para perceber que eu não estava confortável com a situação.

Eu e ele estávamos em um bar que sempre frequentávamos, tinham mais pessoas. Nesses lugares sempre conhecíamos gente nova, uma qualidade dele é que

era bom em fazer amigos. Nesse dia eu conheci um menino e o beijei, quando o meu namorado veio me procurar, ele não viu de fato a cena, mas estávamos bem próximos o que já foi suficiente, ele me arrastou para fora do bar, foi me levando pelo braço até o carro e me agrediu, a minha primeira reação foi raiva, porque ele me traía sempre, todos sabiam e eu não, mas eu escolhi continuar e quando eu me deixei levar e fiz o mesmo, fui agredida. Analisando as práticas de violência, é possível descobrir que elas estão relacionadas a duelos de autoridade, à lutas de poder e ao desejo de controle do outro, do sentimento de posse e anulação dos bens alheios (Minayo, 2006).

No caminho para casa ele me agrediu novamente e eu permaneci o tempo todo gritando com ele. Ao me deixar em casa, eu comecei a pedir perdão. Depois desse dia nós ainda continuamos o nosso relacionamento, não como antes, agora eu tinha medo dele, de verdade, nós dois tínhamos errado, então resolvemos tentar de novo, mas me lembro de não ser mais a mesma. Ele tinha planos de ir embora para Minas Gerais e eu nunca me incluí nesses planos, na verdade eu nunca cogitei possibilidade alguma de existir um “para sempre” desde que eu aceitei namorar com ele, porque éramos muito diferentes e havia sinais claros de alerta, os quais eu resolvi enfrentar e quando existe um namoro, geralmente o casal imagina um futuro, todavia eu nunca imaginei um futuro com ele. A meu ver era apenas paixão e “Uma pessoa perdidamente apaixonada pode sentir-se inteiramente livre na escolha da sua paixão, e, via de regra, só perceber a prisão em que entrou após meses ou até anos” (Rohr, 2011, p.60), ou qualquer outro sentimento diferente do amor.

Posto isso, reflito que mesmo depois da agressão, de continuidade no relacionamento, pensando sentir amor por ele, só percebi que estava de fato presa um tempo depois, pois quem ama não age de tal maneira.

Certo dia eu resolvi que iria colocar um ponto final nesse relacionamento, foi muito difícil, eu tive que bloqueá-lo em todas as redes de comunicação. Uma vez aceitei vê-lo e ele ficou chorando e implorando para eu voltar, dizendo que estava em uma depressão profunda, prometia que iria fazer tudo diferente. Todavia eu acreditava

que ninguém entrava em depressão profunda de um dia a outro, mesmo me incomodando, vendo-o chorar eu não acreditei no arrependimento dele.

Ele passou a me mandar e-mails depois de tê-lo bloqueado e quando o bloqueei no e-mail, passou a me enviar cartas, ele vinha até em casa e jogava as cartas no correio. Eu guardei tudo por um tempo, pensava em fazer boletim de ocorrência, mas pensava muito na mãe dele, ela não merecia passar por tudo isso. Um dia quando veio entregar uma das cartas pediu para conversar comigo, ingênua entrei no carro para falar com ele, então ligou o carro e me levou até a casa dele mesmo eu pedindo para que voltasse, com sorte sua mãe estava lá, eu mandei uma mensagem para minha mãe e ela entrou em contato com a mãe dele, para contar que eu estava lá contra minha vontade, minha mãe foi me buscar e eu fiquei esperando com a mãe dele até ela chegar.

Nós paramos de ter contato de fato no final de 2017, e em 2019 quando eu ingressei na faculdade, ele apareceu para me procurar, estava bem no início do curso, um amigo meu pediu para ele ir embora e eu fiquei muito assustada, já fazia mais de um ano que havíamos terminado de fato, apesar das cartas e *e-mails* de perseguição. Em 2020 depois de todo o ocorrido, eu já estava mais madura, já havia me relacionado com outras pessoas, nos encontramos e ele confessou que me traia e que se arrependia muito, esse dia foi a primeira vez que eu falei não a ele, e diferente dele que havia ido com segundas intenções, eu só queria uma explicação ou algum tipo de conforto para aquela Mariana de 16 anos que foi muito machucada no passado.

4.6 Uma decisão importante a tomar

No ano dois mil e dezoito eu precisava decidir qual curso escolher, me senti bastante pressionada, mas meus pais respeitaram meu tempo, eu não entrei para a faculdade nesse ano, era uma decisão muito importante a ser tomada e eu tinha

muitas opções na minha cabeça. Nesse ano eu entreguei vários currículos para tentar trabalhar, mas não fui chamada, só tinha experiência em *buffet* de festa, como garçoneiro, então para os lugares onde entreguei meus currículos eu não tinha habilidade alguma. Durante esse ano, eu fiz um cursinho de informática básica para não ficar parada em casa, foi uma experiência muito boa.

Eu prometi a mim mesma que quando escolhesse o curso eu o faria até o final, porque muitas pessoas já haviam me falado que se eu não gostasse era só eu fazer outro, trocar de curso e na minha cabeça isso era um desperdício de tempo e dinheiro, mesmo sendo jovem, queria terminar o que começasse, mas estava muito indecisa.

Meu maior sonho era cursar psiquiatria, porém eu descobri que precisava passar em medicina antes e a psiquiatria era uma especialização, era óbvio, mas nunca havia parado para pensar e quando me dei conta, já risquei da lista de possibilidades. Uma outra opção poderia ser psicologia, mas eu não sabia se eu queria atuar nessa área.

Sempre gostei muito de animais, muito mesmo e eu pensei em cursar medicina veterinária, mas fiquei imaginando como seria a minha reação quando eles chegassem ao meu consultório super machucados e chorando, não sei se teria psicológico para lidar com a situação. Hoje, se tivesse a oportunidade de cursar uma segunda graduação, escolheria medicina veterinária.

Algo que também me agrada muito é o de *design* de interiores, então também pensei em cursar arquitetura e me especializar em interiores, porém também não segui esse caminho.

Nunca tive contato com crianças da minha família, sempre fomos os mais jovens, mas sempre me afeiçoei a afilhados da minha mãe, a filhos de amigos e foi onde eu cogitei a possibilidade de fazer pedagogia. Minha mãe tem uma amiga cujo filho tem uma deficiência intelectual, e quando eles vinham em casa para reuniões ela trazia os filhos, esse por sua vez não falava com ninguém nem era de ficar muito perto, mas nesse dia ele se sentou no meu colo para ver desenho e a mãe dele ficou

surpresa, pois ele não costumava chegar perto de ninguém. Desse dia em diante eu cogitei escolher pedagogia, em particular, pela educação especial.

Ao final do ano de dois mil e dezoito houve um vestibular na Universidade de Taubaté, eu resolvi fazer e consegui passar, entrei para o curso de pedagogia.

Foi um momento muito feliz da minha vida, aconteceu um trote em que eu fui pintada com tinta e jogaram farinha em mim também, eu lembro que não era obrigatório, mas eu quis participar desse momento. Marcou o início de um novo ciclo.

Figura 33 – Trote da faculdade



Fonte: acervo pessoal da autora

4.7 O ano da pandemia e os desafios durante a graduação

Quando iniciei meus estudos na universidade de Taubaté, ainda estávamos em 2019, o sistema de ensino era presencial e para mim era incrível ir até a faculdade, as aulas eram divididas em dois períodos, as aulas começavam as 19h, as 21h tinha um intervalo e após o intervalo mais duas aulas que se encerravam as 22h40, eu amava interagir com outros alunos, ver os professores, poder estar no ambiente da sala de aula, nos primeiros semestres comecei quebrando muitas barreiras, uma delas era a timidez, nós tínhamos bastante trabalhos que envolviam apresentações e até mesmo trabalhos em grupo, nos quais eu precisava expor minha opinião para contribuir no desenvolvimento do mesmo, fazendo com que eu evoluísse mais e desenvolvesse a habilidade da fala no cotidiano e em situações mais formais.

No grupo, éramos em seis, eu, Gaby, Lucas, Carol, Duda e Bia, sempre dávamos um jeitinho de fazer os trabalhos juntos, mesmo quando os professores diminuían o número de pessoas por grupo nós nos dividíamos em três, as vezes em dois, ou quando era para fazer grupos maiores nós chamávamos pessoas com as quais tínhamos afinidade. Em alguns casos, acontecia de serem grupos sorteados, haviam desafios, pessoas que não aceitavam outras opiniões, era onde ficava mais complicado ter a harmonia em grupo, mas no final tudo sempre dava certo, eu aprendi muito nessa época.

Meus momentos favoritos com eles eram durante as aulas, quando nós colocávamos *post-its* motivacionais nos cadernos um do outro, quando caía algo no chão a Gaby dizia “caiu aí ó?”, ela era a mais engraçada, vivia fazendo piada com tudo, sempre fazendo todos rirem, ou durante o intervalo. Ríamos muito, contávamos como tinha sido nosso dia, era tão prazeroso estar ali com eles todas as noites. O Lucas era “o bendito fruto entre as mulheres”, sempre demonstrou muita inteligência e ficava mais quieto nas aulas. Nós seis nos divertimos bastante, além de todos os aprendizados incríveis que tivemos.

Figura 34 – Trabalho da faculdade



Fonte: acervo pessoal da autora

A maior parte dos professores era incrivelmente didática ao ensinar, era prazeroso assistir suas aulas, mesmo tendo um conteúdo complicado e às vezes até muito denso, eles deixavam leves e divertidos, eu amava ir para aula, mesmo cansada das atividades no dia a dia, mesmo em dias de chuva onde geralmente as pessoas têm preguiça, eu havia esperado um ano para esse momento e estava sendo incrível frequentar a faculdade.

No segundo semestre eu iniciei meu estágio em escola de ensino fundamental privada e foi uma das melhores experiências da minha vida, eu atuava no segundo ano e ficava com um menino que tinha síndrome de down, ele não era alfabetizado e isso me deixava um pouco angustiada, pois não sabia muito bem como lidar com ele e a professora não me instruía, em algumas aulas me mandava levá-lo para passear quando eu o levava ao banheiro, às vezes, ele me batia ou jogava meu óculos no chão, isso me deixava muito frustrada, principalmente por amar a inclusão, mas era meu primeiro estágio e eu não sabia como lidar sem a orientação devida.

A coordenadora da escola me chamou para conversar e resolveu me mandar para o prédio da educação infantil por questões de adaptação, ela me trocou de lugar com uma estagiária que já havia cuidado do aluno supramencionado, então para ela seria mais fácil e eu fiquei no lugar dela com uma turminha de alunos de 1 ano e 8 meses a 2 anos. Existia toda uma rotina com eles, cantávamos a música da entrada, se iniciava as atividades, chegada a hora do lanche eu auxiliava as crianças que precisavam de ajuda a comer e depois levava para escovarem os dentes, retornávamos as atividades e uma aula antes da saída eles iam para sala de vídeo, assistir desenho e os alunos que ainda mamassem poderiam enviar para a escola suas mamadeiras, as estagiárias faziam e davam a eles. Eu me encontrei na educação infantil nesse momento, eu me lembro bem, tinha a ajuda de outra estagiária, além da professora, foram muito pacientes comigo e me ensinaram muitas coisas, eu me apaixonei completamente, minhas experiências no estágio e as amizades que eu fiz foram muito importantes para mim e minha formação.

No início do ano de 2020 eu entrei para um projeto chamado Pequeno Cientista, composto pela parceria do curso de biologia com o nosso, pelo NUGEC. Eu fui fazer a entrevista com a professora Marisa no campus do Bom Conselho, fiquei muito ansiosa, na entrevista contei da minha disponibilidade de horário e o porquê eu gostaria de entrar no projeto, eu gostava muito do curso de biologia, então acreditava que seria muito bom participar de um projeto no qual juntassem as duas áreas.

Em seguida, fui à uma visita à escola, nós nos encontramos no campus de biologia e a Marisa nos levou até a escola, eu fiquei com bastante vergonha, eram crianças mais velhas com as quais eu não tinha contato cotidiano. Infelizmente foi meu primeiro e único contato com as crianças pois logo na sequência se iniciou uma pandemia nesse mesmo ano, onde tomadas as providências, tudo se tornou remoto. O projeto deu continuidade pelo Instagram, éramos divididos em grupos, cada um

tinha o seu papel no grupo e a cada semana era um grupo que ficava responsável pela postagem, sendo que tínhamos que mandar os posts com um tempo de antecedência para a professora ver e aprovar para ser postado, fazíamos de vídeos até posts escritos.

Uma das piores partes na pandemia para mim foi o fato de eu não poder ir até a faculdade, ver aquele movimento dos alunos, poder lanchar com meus amigos, olhar nos olhos dos professores, toda a minha evolução feita durante o curso, regrediu. As aulas passaram a ser feitas através do sistema remoto, com aulas remotas, e era difícil para todos no começo, alunos e professores, muitos alunos não ligavam as câmeras na maioria das aulas, eu mesma só ligava a câmera se eu gostasse da aula, ou da matéria, ou se eu estivesse bem, portanto mesmo adorando o professor às vezes eu não conseguia aparecer na aula, nem falar nada.

Passei a sentir mais envergonhada para falar as coisas do que quando as aulas eram presenciais, eu não apresentava mais os trabalhos, mas participava nos bastidores, mas eu não falava nada no dia, às vezes eu nem mesmo via as aulas, pois acabava dormindo. Algumas vezes saía de casa e deixava a aula aberta, eu tinha muita dificuldade de aceitar aquilo, o fato de que eu teria que aprender por ali, de me ver regredindo, eu estava estudando para ser professora e tinha vergonha de falar em público, mesmo que só ouvissem minha voz. Durante a pandemia,

Diante da necessidade emergencial de fechamento das instituições de ensino, muitos desafios para a continuidade da educação mundial surgiram, dentre eles: harmonização do relacionamento entre estudantes e professores; o uso excessivo da tecnologia como ferramenta de comunicação para o ensino e aprendizagem; a dificuldade de professores e estudantes com o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs); além de todas as questões socioemocionais que envolvem docentes, discentes, famílias e sociedade. (Silus; Fonseca; Jesus, 2020, p. 2)

Foi um momento muito delicado para todos, eu agradeço por todos aqueles professores que se esforçaram de mil e uma maneiras para nos ensinarem, principalmente quando era um conteúdo prático, como os jogos nas aulas de matemática, nós os imprimíamos em casa e jogávamos cada um da sua casa, o que era muito lindo e ao mesmo tempo muito triste. Eu era uma aluna que mesmo com os

professores sendo muito solícitos a respeito das nossas dúvidas, tinha vergonha expô-las, às vezes perguntava para algum amigo, ou ao professor, de modo privado, que também estavam sempre a disposição no *Whatsapp*, não só para nossos anseios em relação ao curso, mas também em relação à vida, eu tive o apoio de muitos professores queridos e só tenho a agradecer por isso.

Por fim concluo que de fato foi um período de muita reflexão para mim, no qual pude perceber que permanecer no curso de pedagogia, mesmo durante a pandemia, me gerou muitos aprendizados, e dúvidas também, o curso abre muitas portas em diversas áreas e o convívio entre alunos e professores de maneira remota nos ensinou a ver através de outras dimensões que podemos ensinar e aprender uns com os outros

Durante toda a minha trajetória, do início ao fim do curso, mudei muito a forma de pensar, eu comecei escolhendo pedagogia por amar crianças, entrei no estágio amando o docente, e saí da pandemia sabendo que realmente não é o que eu quero, ou seja, eu pretendo continuar na área da pedagogia, porém ser professora, é uma profissão a qual eu admiro ainda mais depois de ter estudado e conhecido profissionais incríveis, todavia acredito não ser para mim, eu não tenho essa inclinação, mas as experiências que a pedagogia me proporcionou foram incríveis e reflito muito sobre qual caminho tomar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao término deste memorial, pude refletir e explorar diversos aspectos ligados à minha vida e a respeito de como minha criação influenciou na maneira como penso hoje e em como mudei meus conceitos e crenças a respeito das coisas ao modo em que fui crescendo e passando pelas adversidades da vida. Trago a reflexão de como nós mudamos ao longo de nossas vidas, a maneira como somos moldados, a educação que recebemos e o tipo de seres que escolhemos ser e acreditar.

Passando pela experiência de lembrar minha história e momentos da minha vida na construção deste trabalho, tive sentimentos de angústia, por ter que trazer à tona momentos que não queria me recordar, mas que fazem parte da história da construção de quem sou, e de muita alegria por trazer uma sensação boa e nostálgica do passado, principalmente da minha infância, que considero que foi o momento em que fui mais feliz. Trazendo a oportunidade de reviver a minha história pouco a pouco, na construção deste trabalho pude perceber o quão importante foi essa construção, de rever conceitos e perceber que mudamos a maneira de enxergar as coisas e ressignificar outras. Foi uma experiência enriquecedora, que me permitiu ir a fundo em tópicos relevantes e compartilhar minhas descobertas com outras pessoas.

Espero que essas reflexões encorajem os leitores a olharem para suas histórias e as verem, considerando que cada história é importante ao seu modo, pois foi significativo para mim olhar para trás e refletir cada momento deste memorial. Que os leitores deste trabalho busquem refletir sobre suas experiências vividas e nas pessoas que passaram pelas suas vidas, o quão importante é, não apenas para sua vida acadêmica, mas também como um ser social.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Gislaine Cardoso. A timidez no contexto escolar: um olhar sobre esta característica da personalidade humana na escola. 2010.

BARBOSA, Priscilla Mazzucco Borba. Em busca de uma avaliação da aprendizagem livre de traumas: a relação entre medo e ansiedade de alunos do curso de pedagogia de uma IES pública em Fortaleza-CE. 2016.

BECKER, Ana Paula Sesti; MAESTRI, Tânia Paza; BOBATO, Sueli Terezinha. Impacto da religiosidade na relação entre pais e filhos adolescentes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 67, n. 1, p. 84-98, 2015.

COSTA, Anna Maria Niccolai. Transtorno afetivo bipolar: carga da doença e custos relacionados. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 35, p. 104-110, 2008.

FONSECA MARTINS, Denise da; NUNES, Maiana Farias Oliveira; NORONHA, Ana Paula Porto. Satisfação com a imagem corporal e autoconceito em adolescentes. **Psicologia: teoria e prática**, v. 10, n. 2, p. 94-105, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez. São Paulo. 1994

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Editora Fiocruz, 2006.

REGINATTO, Raquel. A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. **Revista de educação do IDEAU**, v. 8, n. 18, p. 1-12, 2013.

RODRIGUES, Maria Socorro Pereira; SOBRINHO, Elísio Holanda Guedes; DA SILVA, Raimunda Magalhães. A família e sua importância na formação do cidadão. **Família, Saúde e Desenvolvimento**, v. 2, n. 2, 2000.

RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e formação humana. **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 4, p. 53-68, 2011.

SILUS, Alan et al. Desafios do ensino superior brasileiro em tempos de pandemia da COVID-19: repensando a prática docente. **Liinc em Revista**, v. 16, n. 2, p. e5336-e5336, 2020.